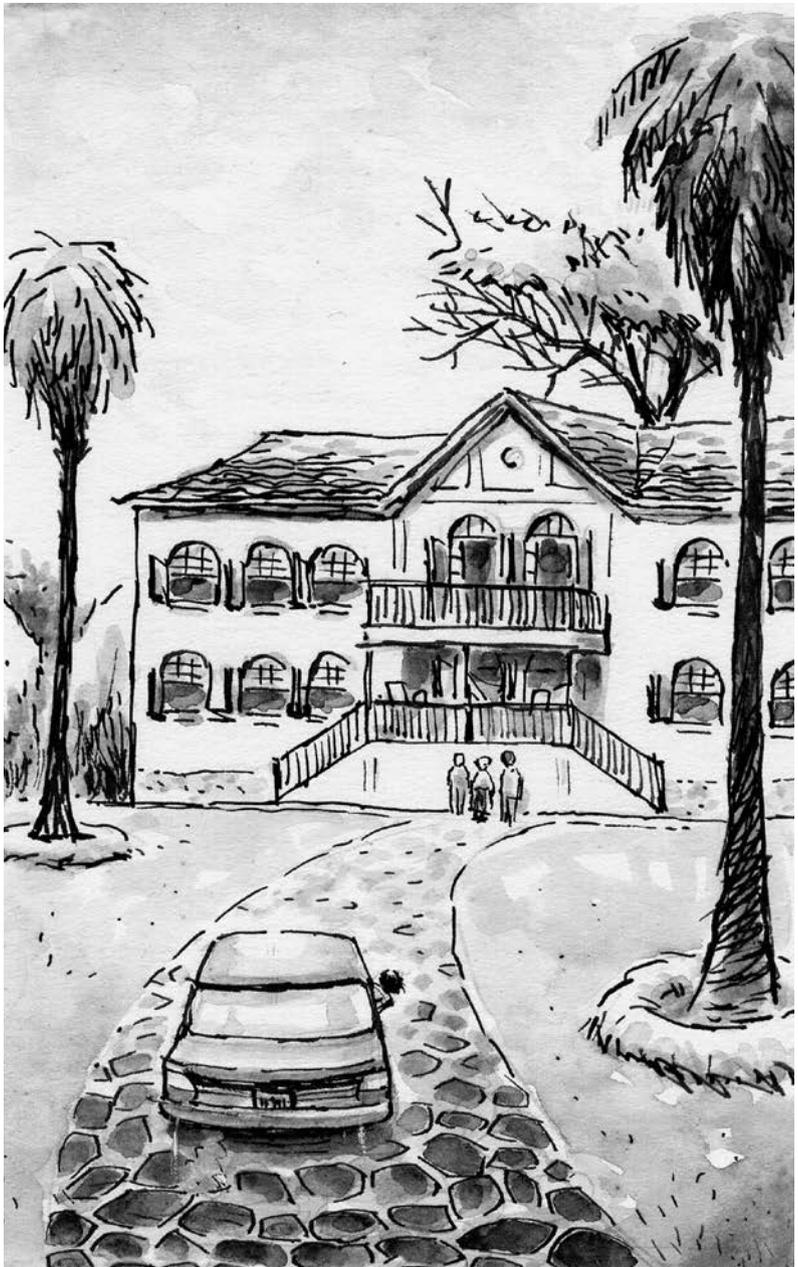


SEGUNDA-FEIRA
A NOIVA DA FIGUEIRA

Chegaram à Fazenda Velha na hora do almoço, como estava previsto, e foram recebidos na porteira por dona Santa, a proprietária, e por dois empregados, que logo foram tratando de descarregar a bagagem.

— Fizeram boa viagem? — perguntou dona Santa, uma simpática senhora nos seus setenta anos de idade, cheia de apertos de mão, abraços e beijinhos nas crianças. — Vamos acomodar vocês e depois almoçamos. Por enquanto são os únicos hóspedes da semana.

A casa da fazenda era um assombro. Uma sólida construção de alvenaria pintada de branco, de portas e janelas azuis, com uma enorme varanda repleta de cadeiras de vime, redes e mesinhas. No térreo havia um grande salão com sofás e poltronas de couro e cadeiras de palhinha, uma sala de estar menor, muito bem mobiliada também, uma sala de jantar dominada por uma mesa de mogno com dezoito cadeiras, um escritório que também servia como sala íntima, com estantes, poltronas e escrivaninhas. A cozinha era bem espaçosa e moderna, com móveis e equipamentos de fórmica e aço, e um lugar para pequenas refeições, a copa. Num belo contraste, não faltava num canto da cozinha um antigo



fogão a lenha. Na parte dos fundos havia ainda a despensa, a lavanderia e os aposentos dos empregados. Entre a pequena sala de estar e a de jantar, achava-se a escada para o andar superior, levando a muitos quartos e banheiros distribuídos ao longo de corredores que mais pareciam um labirinto.

Enquanto mostrava a casa aos novos hóspedes, dona Santa falou da fazenda:

— Meu pai construiu esta casa oitenta anos atrás, doutor Paulo, num tempo em que a iluminação se fazia com velas, lampiões e lamparinas. Bem mais tarde, quando eu já era casada, herdei a propriedade e passei a dirigi-la com meu marido. Quando a fazenda começou a dar prejuízo, em anos recentes, achamos uma pena nos desfazer dela. Daí surgiu a ideia de receber hóspedes que gostam da vida na roça. Fizemos reformas, banheiros novos, mas sem descaracterizar a construção.

Dona Santa orientou os empregados a levar a bagagem dos hóspedes aos quartos, tomou fôlego e continuou:

— Hoje a Fazenda Velha é uma espécie de hotel-fazenda, bem familiar, em todos os sentidos. Nada aqui é impessoal. Fazemos questão de receber poucas famílias de cada vez, apenas amigos. Minha família cuida de tudo. O senhor Leo, um vendedor que preferiu abandonar a vida na cidade e as viagens constantes para viver no campo, nos ajuda a gerenciar a fazenda. Os demais empregados estão conosco praticamente desde que nasceram, os pais deles já trabalhavam para os meus aqui na fazenda.

Quando subiam as escadas, conduzidos aos seus apo-

sentos por dona Santa, ela pediu licença e tomou de Paulo o computador portátil que ele levava.

— Doutor Paulo, se não se importa, vou guardar seu laptop comigo. É assim que vocês chamam este computador, não é?

— Sim, este é um laptop, mas não se preocupe, dona Santa, posso deixá-lo no quarto. Dificilmente me separo dele.

— Olhe que não quero ver ninguém trabalhando! Estão aqui para descansar. Sei como são essas coisas, por isso é melhor evitar as tentações — disse dona Santa, abraçando o aparelho contra o peito e sorrindo com simpatia. — Devolvo na partida, está bem? Mas se precisar mesmo dele, se não tiver outro jeito, é só pedir que entrego de volta o seu querido laptop.

— Está certo, dona Santa. Só trouxe o micro para o caso de alguma necessidade imprevista, a senhora compreende, não é? Pode guardá-lo para mim. Estará em boas mãos.

Paulo ficou num quarto conjugado ao quarto das crianças, com um banheiro comum entre os dois. Estavam muito bem acomodados, os aposentos eram amplos, as camas, confortáveis e o banheiro, novo, bem iluminado e cheiroso. Não havia aparelhos de televisão nos quartos nem em qualquer outra parte da casa.

Depois de um breve descanso, desceram para almoçar. À mesa foi servida comida caseira, que eles devoraram.

— Procuramos servir pratos da cozinha tradicional do interior. As receitas foram todas de minha mãe — a dona da casa fez questão de explicar.

Havia frango com quiabo frito, quiabo sem baba, como Rita observou com satisfação, carne assada com pimentões recheados, arroz, feijão, saladas e, de sobremesa, doce de leite com queijo branco, compotas e frutas diversas.

Logo depois do almoço, começaram o reconhecimento da fazenda. Fernando fez amizade com Tonho, o retireiro, e foi dar seu passeio a cavalo. Retireiro, explicara o rapaz, era o encarregado de tirar o leite e cuidar das vacas e demais criações. As outras crianças andavam de lá para cá, levadas por João, moço que fazia todo tipo de serviço.

— Meu faz-tudo, ou meu factótum, como dizem os da cidade — apresentou-o dona Santa.

Acabaram todos no pomar, subindo nas árvores, experimentando sabores que nunca tinham provado.

Havia três cachorros na casa da fazenda, Chula, Jati e Brotinho, e Fernando se encantou por eles. Nos dias seguintes, o menino e os três cães estariam juntos por toda parte. Bastaria escutar uns latidos festivos e lá estariam eles metidos em alguma brincadeira, como perseguir um gambá, desentocar um tatu, correr atrás dum bezerro desgarrado.

No finalzinho da tarde, João levou Rita, Luísa e Fernando para um passeio no riacho, o menino devidamente acompanhado pelos três cães, que ficava numa estradinha lateral cheia de curvas, com barrancos altos dos dois lados. Francisco tinha ido cavalgar com Tonho. As crianças adoraram andar descalças dentro do córrego, a água geladinha, os seixos no fundo do leito fazendo cócegas na planta dos pés. Numa curva perto do rio havia uma velhíssima e gi-



gantesca figueira, com ramos que cobriam toda a estradinha e raízes que cresciam expostas na superfície do barranco. Foi divertido subir nas raízes da árvore. Rita sugeriu:

— Amanhã vamos trazer o Francisco e uma corda para fazer um balanço.

Nesse instante aproximou-se Tonho, que vinha apressado à procura do grupo, seguido de Francisco. O retireiro, que parecia ter ouvido as palavras de Rita, foi logo chamando a atenção de João:

— Nem pensar em fazer um balanço na figueira! Dona Santa não gosta que as crianças brinquem fora da fazenda. Vamos voltar, que está na hora de tomar banho antes de jantar.

Voltaram para casa correndo, pulando porteiras, varando cercas. Ao passar entre dois fios de arame farpado, furando uma cerca, Luísa rasgou a bermuda no traseiro e começou a chorar.

— Não chore, não, vamos mandar consertar o rasgão — disse João, colocando a menina nas costas, de cavalinho. — Vou ensinar você a furar cerca sem roçar no arame.

Clara, a arrumadeira, esperava as crianças para levá-las ao banho. Os meninos recusaram ajuda.

Paulo passou a tarde no quarto, estava exausto com a correria dos últimos dias, e só desceu na hora do jantar. Do pessoal da casa, apenas dona Santa sentou-se à mesa com os hóspedes.

Foi servida como entrada uma sopa de fubá com cambuquira, isto é, com brotos de abóbora, conforme ensinou

dona Santa. Depois, carne cozida com batata-doce, arroz, feijão com tocinho, farofa de farinha de milho feita com chicória e ricota fresca, e saladas. Como sempre, havia outra comida para quem não gostasse do prato principal, mas todos provaram de tudo.

Comeram com muito apetite. Paulo elogiou especialmente o feijão.

— Feito no fogão a lenha, não tem igual — disse a dona da casa, orgulhosa com os elogios.

Terminada a refeição, dona Santa convidou:

— Agora vamos tomar o cafezinho lá na sala de estar, que é bem mais confortável para conversar com calma.

Ana, a copeira, serviu o café. As crianças preferiram balinhas de limão-doce.

— Como vocês viram, não temos televisão aqui, pois em casa que se vê televisão ninguém conversa. Sempre nos reunimos nesta sala depois do jantar. Se quiser, pode fumar, doutor Paulo.

— Obrigado, eu não fumo.

Dona Santa perguntou sobre as atividades daquela tarde e as crianças contaram, entusiasmadas, o passeio pelo ribeirão, como a água era geladinha, e que brincaram nas raízes da figueira, tão grande, tão impressionante. Dona Santa tomou a palavra:

— As figueiras são as maiores árvores que temos por aqui, são realmente majestosas. São árvores misteriosas, testemunhas de tempos que já vão longe. Acho que vou contar a vocês uma história que fala de uma figueira. Gos-

tariam de ouvir? É uma história de amor à moda antiga, história triste mas bonita...

Nesse exato momento, abriram a porta que ligava a sala de estar ao escritório. Um homem velho, alto, magro e surpreendentemente pálido pôs meio corpo dentro da sala, cumprimentou a todos com um leve aceno da cabeça, sem dizer palavra, e repreendeu a anfitriã:

— Santina, você vai de novo começar a assustar os hóspedes com essas suas histórias?

— Ah! meu velho, são histórias lindas, são as nossas tradições. Casos que minha avó contava, não há maldade neles. Vá dormir, Juvêncio, vá repousar, me deixe aqui com meus amigos e com minhas lembranças.

O velho balançou a cabeça em sinal de reprovação, mas não insistiu. Despediu-se em silêncio com uma mesura dirigida aos hóspedes e se retirou. Dona Santa retomou o controle da audiência:

— Desculpem meu marido, os homens velhos ficam às vezes impertinentes. Mas Juvêncio é uma pessoa adorável. Bem, eu ia começar a contar uma história de amor, não ia? Foi assim:

Não muito longe daqui, há muito tempo,
aconteceu uma história exemplar,
que os moradores do lugar nunca esqueceriam.
Na saída da cidade,
na estrada que desce para o bairro da Fazenda Nova,

na primeira curva, enredada no barranco,
existe até hoje uma figueira centenária, sombria,
que derrama sobre a estrada seus galhos azarentos,
lançando sombras malfazejas sobre os passantes.
Não há quem passe sob a árvore que não se benza,
que calafrio!

Houve quem quisesse cortar a figueira
e erradicar da memória o funesto acontecido,
mas quem teve coragem para tanto?
Dizem que um fantasma habita a árvore,
talvez mais de um, quem pode saber ao certo?
Só uma coisa se pode fazer:
rezar junto ao tronco pelas almas desgraçadas,
pedir a Deus misericórdia.

Pois bem, tudo aconteceu há muitos e muitos anos,
num tempo em que os pais decidiam
o destino de seus filhos.

Eva era a moça mais bonita do lugar.
Não era só bonita, era moça prendada e virtuosa.
O pai era autoritário, homem do tempo antigo,
mandão e avesso ao diálogo.

Resolveu que Eva devia se casar bem,
o que significava, no seu modo de entender,
casar com moço rico.

Mas Eva já estava apaixonada por um moço pobre.
Tão pobre que ela ainda nem tivera coragem
de dizer do seu amor para ninguém de sua família.

Era empregado de fazenda, cuidava de gado,
domava cavalo, conduzia carroça,
fazia tudo quanto era tipo de trabalho humilde.
O namoro com o moço era segredo absoluto.
Nem o nome dele, que era Antônio,
ela pronunciava em público,
temendo que notassem algum tremor em sua voz.
Antônio dizia a Eva que jamais a deixaria,
acontecesse o que acontecesse.
E Eva dizia que de nenhum outro homem seria,
quaisquer que fossem os rumos do destino.
Somente de Antônio ela seria, jurou por Deus.
Um dia se casariam e nunca mais
haveriam de se separar.
Sempre que Eva conseguia escapar
da cerrada vigilância da família,
encontravam-se às pressas
e renovavam as juras de amor eterno,
escondidos da vista de todos
sob os ramos amigos de uma figueira centenária,
na estrada da Fazenda Nova.

Quando Eva estava criando coragem
para contar tudo ao pai,
ele a chamou e disse que escolhera para ela
o melhor de todos os rapazes do lugar,
o moço Ramiro.
A moça caiu em prantos,

implorou pelo amor de Deus,
jogou-se no chão, beijou os pés do pai:
— Pai, não me condene a um casamento infeliz.
O pai não quis saber de história,
não aceitou desculpas nem argumentos,
menos ainda choradeiras.
Nunca dava ouvidos a ninguém.
Deu Eva em casamento a Ramiro,
o filho único do mais rico fazendeiro do lugar.
Ramiro estava de olho em Eva havia muito tempo,
era apaixonado pela moça,
e o pai dela sabia disso muito bem.
Era tudo o que ele queria para garantir,
no seu modo de entender,
um futuro seguro e próspero para sua filha.
Proibiu Eva de sair de casa até o dia do casamento
e selou a decisão com uma sentença:
— Mato quem se intrometer nesse casamento.

Eva chorou, argumentou, esperneou,
fez até greve de fome.
Mas não teve jeito, seu destino estava traçado,
tinha que se casar com Ramiro.
Estava decidido e pronto.
Eva foi sincera com o noivo arranjado:
— Se você me ama como diz, não case comigo.
Ele não entendia, ela procurava explicar:
— Meu coração não lhe pertence.

E dizia mais:

— Meu coração nem pertence mais a mim.

Ele não entendia, ela procurava convencê-lo:

— Se me obrigam, caso com você.

E concluía com tristeza:

— Mas jamais serei sua mulher.

Ramiro estava completamente apaixonado

e tinha certeza que Eva com o tempo o amaria.

Contra a vontade da noiva, apressou o casamento.

O casório foi esplêndido,

beleza, luxo, fartura, nada foi economizado.

Toda a cidade foi convidada para a festa.

Os ricos, recebidos no salão da frente,

os pobres, abrigados numa tenda de lona no quintal.

Tudo muito bem cuidado,

tudo muito enfeitado,

tudo bonito.

Festa de muita comida,

muita música e alegria.

Somente a noiva estava triste.

Já no final da festa,

Eva pediu licença para se retirar um pouco.

la trocar de roupa, algo assim.

Saiu e o noivo ficou à sua espera.

Passou-se o tempo e ela não voltou.

O noivo foi procurá-la por toda a casa,

procurou dentro de casa e em toda a festa
e não a encontrou.
Perguntou pela noiva a todos os convidados, nada.
Saiu à rua, estava tudo deserto,
pois todo mundo estava na festa de casamento.
Acabou encontrando um homem que não conhecia,
um velho alto, magro e muito pálido.
Não teria sido convidado para a festa?, perguntou-se.
Ramiro não gostou dele,
tinha qualquer coisa de agourento.
Mas mesmo assim perguntou, com medo da resposta:
— O senhor não viu uma linda moça passar por aqui?
— Sim, vi a sua noiva descer a rua correndo.
— E para onde ela foi? Me diga, pelo amor de Deus.
— Fugiu para as bandas da estrada da Fazenda Nova.
O noivo correu na direção indicada pelo velho.
No final da rua pegou a estrada,
desceu cem, duzentos metros,
entrou numa curva, virou noutra,
tropeçando feito doido pelo caminho de terra,
e então, numa baixada,
deu de cara com a noiva amada.
Seu corpo, ainda no vestido branco, de véu e grinalda,
pendia sem vida de um galho da figueira.
Eva se enforcara.
Casara-se com ele, mas nunca seria sua mulher,
como tinha prometido.
Sentindo-se culpado por aquela desgraça,

o noivo inconformado gritava:

— Eu te amei, eu te matei!

Desde então, quem passa sob a árvore em noite alta
ouve o baque surdo de um corpo que cai
sendo freado bruscamente pelo nó da corda.

Dizem que, para certas pessoas,
ao soar das badaladas da meia-noite,
vestida de noiva, de véu e grinalda,
ela ainda aparece pendurada na figueira.

Lá longe, no manicômio, o noivo grita de dor:

— Eu te amei, eu te matei!

O pai de Eva nunca mais conseguiu dormir.

Todas as noites que lhe restaram de vida
ele as consumiu vagando insone pelos corredores da casa,
os passos se arrastando
no soalho gasto por seu pisar de botas,
a cabeça e o coração perdidos
num torvelinho de dor, vergonha e arrependimento.

Dizem, sim, dizem muitas coisas,
que durante anos a figueira da noiva foi frequentada
todas as noites por um rapaz pobre, solitário, triste.
Ele não tinha nada nesta vida, nem queria ter.
A vida neste mundo de fato não mais lhe interessava.
Trabalhava o dia todo e de noite ia dormir sob a árvore.
Era Antônio, o pobre namorado secreto de Eva,

fazendo companhia à sua querida assombração.
Tinham prometido jamais se separar.
Dizem outros que ele ainda está lá, todas as noites,
mesmo depois de terminados os seus dias nesta vida,
fazendo companhia, até o final dos tempos,
à sua querida assombração.

Todos ouviram a história em silêncio. Sim, há amores que duram para sempre, como uma condenação eterna, amores que não podem ser destruídos, nem na vida nem na morte, como o amor que uniu os amantes da figueira.

Dona Santa contava a história como se a estivesse lendo num livro. Dava a cada frase um ritmo próprio, as pausas pareciam previamente estudadas, as palavras, bem escolhidas. Certamente sabia a história de cor, como era o costume antigamente, numa época em que o conhecimento era aprendido e transmitido de geração a geração por meio da repetição oral, quando tudo tinha que ser decorado.

Durante a narrativa, as crianças foram chegando cada vez mais perto do pai, e quando dona Santa terminou a história, Luísa e Fernando estavam praticamente grudados nele. Ao final, Paulo disse:

— Bela história, dona Santa, mas não sei se é exatamente uma história de amor. Não seria de horror?

Foi Luísa quem respondeu:

— Coitadinhos, fiquei com peninha deles, foi muita tristeza para todos eles.

— A incompreensão de um pode ser a tragédia de muitos — disse Paulo, em tom filosófico.

Levantou-se e chamou os filhos:

— Muito bom, muito bem, mas agora está na hora de criança ir para a cama.

Despediram-se de dona Santa e subiram para os quartos.

As crianças estavam excitadas com as novidades do dia, e um pouco atemorizadas com a história da noiva na figueira. Paulo comentou a história com os filhos, dizendo que, apesar de não existirem assombrações, que eram fruto da imaginação, a narrativa de dona Santa trazia mensagens importantes sobre o autoritarismo do pai, o egoísmo do noivo e a fidelidade dos enamorados.

— O caso da noiva que se enforcou mostra também que as diferenças sociais podem até atrapalhar um amor verdadeiro — disse Paulo. — No fim, todos acabaram mal. O pai, que não dava ouvidos a ninguém, arrependeu-se, mas aí já era tarde, a filha estava morta. Acabou punido por sua intransigência. Então dá para perceber que as histórias que o povo conta, mesmo as que falam de assombrações, costumam aprovar ou criticar certos comportamentos e modos de pensar.

A lição fez efeito: deu sono em todo mundo.

Depois de escovar os dentes, vestir pijama e ganhar o beijo do pai, as crianças se acietaram sob os lençóis.

Mas a noite não foi das mais tranquilas, e muitas vezes os cinco hóspedes foram acordados por barulhos estranhos. Ouviram com insistência o ruído de uma velha má-

quina de costura, plac-plac, plac-plac, plac-plac... Escutaram um choro de mulher e passos arrastados no corredor.

Bem antes do amanhecer, ouviram rumores inquietos dos animais da fazenda, que pareciam assustados; ao longe dava para distinguir o som agoniado de um berrante, a corneta de chifre com que os boiadeiros tangem o gado, misturado ao badalar desafinado de cincerros, aquelas sinetas que se costuma pendurar no pescoço de vacas, mulas, éguas e outras criações, e cuja sonoridade chocha serve para guiar a tropa e se saber onde está um animal fujão.

Acordaram de manhã com a impressão de terem ouvido essas coisas, mas não tinham certeza, talvez tivessem sonhado. Preferiram não fazer comentários.

